**Escola Secundária Dr. Manuel Fernandes**

**Teste de Avaliação nº 3 (VERSÃO B)**

**PortuguÊs – 12º Ano**

**2017/2018**

**GRUPO I – 100 pontos**

* Leia, com atenção o seguinte poema.

**TEXTO A**

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| 510 | Antes de nós nos mesmos arvoredosPassou o vento, quando havia vento,E as folhas não falavam De outro modo do que hoje.Passamos e agitamo-nos debalde1.Não fazemos mais ruído no que existeDo que as folhas das árvoresOu os passos do vento.Tentemos pois com abandono assíduoEntregar nosso esforço à NaturezaE não querer mais vidaQue a das árvores verdes. | 1520 | Inutilmente parecemos grandes.Salvo nós nada pelo mundo foraNos saúda a grandezaNem sem querer nos serve.Se aqui, à beira-mar, o meu indícioNa areia o mar com ondas três o apaga.Que fará na alta praiaEm que o mar é o Tempo?Ricardo Reis |

***Vocabulário:*** **(1)** em vão, inutilmente

1. Explicite a relação que se estabelece entre «nós» e os elementos da Natureza nas duas primeiras estrofes. **(20 pontos)**

 **Tanto «nós» como os elementos da Natureza fazem parte da mesma realidade transitória, sujeitos às mesmas condições, neste caso, à passagem do tempo e do vento. Estabelece-se assim, uma relação de semelhança entre o Homem e a Natureza (vv 6-8). No entanto, o que para a Natureza faz parte do seu ciclo habitual, para o Homem, fruto da consciência da passagem do tempo, é motivo de agitação e perturbação.**

1. Baseando-se nos conceitos filosóficos subjacentes à poética de Ricardo Reis, interprete o sentido da terceira estrofe. **(20 pontos)**

 **Na terceira estrofe, aconselha-se tranquilidade (ataraxia epicurista) em identificação e em comunhão com a Natureza (Epicurismo); usufruto do momento presente (carpe diem horaciano); aceitação «com abandono» (estóico) do tempo de vida que nos é concedido.**

1. Considerando a consciência e a encenação da mortalidade presentes na poesia de Ricardo Reis, explicite o valor expressivo da interrogação retórica presente na última estrofe. **(20 pontos)**

**O sujeito poético tem consciência de que a única certeza do Homem é a morte: a vida não é mais do que o adiamento da hora fatal. A poesia de Reis «encena», isto é, prepara de antemão e de forma dramática, no sentido teatral, esse momento inevitável de niilismo. A interrogação retórica enfatiza todos estes aspectos: intensifica a noção de brevidade da vida e a consciência da mortalidade, pondo em evidência o contraste entre fragilidade humana e a grandiosidade / inexorabilidade do Tempo, «encenando» / prevendo o instante final.**

**TEXTO B**

* Leia, atentamente, o seguinte texto.

|  |  |
| --- | --- |
| ----5----10----15---- |  Tenho acabado, Irmãos Peixes, os vossos louvores, e repreensões, e satisfeito, como vos prometi, às duas obrigações do sal, posto que do mar, e não da terra: *Vos estis sal terrae*. Só resta fazer-vos uma advertência muito necessária, para os que viveis nestes mares. Como eles são tão esparcelados1 e cheios de baixios2, bem sabeis que se perdem, e dão à costa muitos navios, com que se enriquece o mar, e a terra se empobrece. Importa pois que advirtais que nesta mesma riqueza tendes um grande perigo, porque todos os que se aproveitam dos bens dos naufragantes ficam excomungados, e malditos. […] Mandou Cristo a São Pedro que fosse pescar, e que na boca do primeiro peixe que tomasse, acharia uma moeda, com que pagar certo tributo. Se Pedro havia de tomar mais peixe que este, suposto que ele era o primeiro, do preço dele, e dos outros podia fazer o dinheiro, com que pagar aquele tributo, que era de uma só moeda de prata, e de pouco peso. Com que mistério manda logo o Senhor que se tira da boca deste peixe, e que seja ele o que morra primeiro, que os demais? Ora estai atentos. Os peixes não batem3 moeda lá no fundo do mar, nem têm contratos com os homens, donde lhes possa vir o dinheiro: logo a moeda, que este peixe tinha engolido, era de algum navio, que fizera naufrágio naqueles mares. E quis mostrar o Senhor que as penas, que São Pedro, ou os seus sucessores fulminam contra os homens, que tomam os bens dos naufragantes, também os peixes por seu modo as incorrem, morrendo primeiro que os outros, e com o mesmo dinheiro, que engoliram, atravessado na garganta. Oh que boa doutrina era esta para a terra, se eu não pregara para o mar.Vieira, Padre António, *“ Sermão de Santo António”* |

**Vocabulário:** **(1)** esparcelados: cheios de parcéis (bancos de areia); **(2)** baixios: rochedos parcial ou totalmente escondidos sob a água do mar; **(3)** batem: cunham

1. Relacione a frase inicial do texto com a estrutura argumentativa do sermão. **(20 pontos)**

**No início do excerto, orador refere que cumpriu as “ duas obrigações do sal” “da terra”, tendo desenvolvido os “louvores” e as “repreensões” dos peixes”. Estas referências remetem para a estrutura do sermão que, após o Exórdio do cap. I, e a Exposição no início do cap.II, apresenta, na Confirmação, os momentos de louvor aos peixes (em geral, no cap II, e em particular, no cap. III) e de repreensão aos peixes (em geral no cap. IV e, em particular, no cap. V)**

1. Explique a dimensão alegórica do texto, partindo da afirmação “. *Oh que boa doutrina era esta para a terra, se eu não pregara para o mar.”* (ll 18, 19) **(20 pontos)**

**Servindo-se do “mar”, Vieira visa, na realidade, a “terra”, servindo os peixes e as suas qualidades e defeitos como alegoria doas homens. Assim, ao dirigir-se aos “ Irmãos Peixes” (l1), o orador procura alertar os homens, que devem reconhecer-se na caracterização dos peixes.**

**GRUPO II – 60 pontos**

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta, indicando o número do item e a letra que identifica a opção escolhida. (6 pontosx10)

* Leia atentamente o seguinte texto.

***Meu «caso» com Fernando Pessoa***

|  |  |
| --- | --- |
| 5101520 | Chamo de «caso» àquele contacto de alma que o próprio Pessoa passou a vida toda a esconder/revelar. O meu «caso» com o poeta começou no final dos anos sessenta, quando ouvi pela primeira vez a música de Caetano Veloso «É proibido proibir», momento libertário da juventude para se antepor à tirania da ditadura em que vivíamos. No meio da sua interpretação antológica[[1]](#footnote-1), e contrariando os que esperavam palavras de ordem, casuísticas[[2]](#footnote-2), Caetano introduzia a declamação de umas palavras estranhas e enigmáticas, que se alojaram no meu inconsciente como premissas de um tempo novo, inevitável. Corri atrás dessas palavras e vim a saber, estarrecido, que eram de um poeta português, de que eu mal ouvira falar. Comprei o livro, as obras então completas (a edição é de 1960), da Editora Aguilar: o poema era «D. Sebastião»[[3]](#footnote-3), terceira parte da *Mensagem*. A partir daí uma paixão súbita e definitiva me incendiou o coração e nunca mais parei de ler e amar Pessoa. Com o passar do tempo, cheio de pudor e cumplicidade oculta, fui-me embebedando daquela solidão imensa até descobrir que tinha sido irremediavelmente capturado pelo delírio épico da *Mensagem*. Fernando Pessoa traduz em linguagem metafórica uma antiga aspiração do ser humano, o sentimento obscuro de que existe um mundo interior a ser descoberto, à semelhança dos descobrimentos portugueses. Essa sensação de intervalo, essa ânsia doída, contida nos versos do poeta, reflete aquilo que não temos e não vemos, mas desejamos e queremos: navegar por dentro, no rumo do lugar encoberto onde reina o mais legítimo de nós. Mas cortejar o espírito argonauta era pouco e a forma que encontrei para comungar com o poeta foi a música. Musicar os poemas da *Mensagem* (o primeiro disco, com vários intérpretes, saiu em 1986 e agora vou no terceiro, e último) foi um desdobramento quase natural do meu primeiro contacto, tantos anos atrás. Expressar esse sentimento abstrato de pertença absoluta a uma «causa» foi a tarefa que o destino me impôs. As músicas da *Mensagem* – sem medo, sem mistificação – começaram a descer como molduras sobre telas e, cumprindo apenas a função de integrar-se a elas, integraram-me a ele.André Luiz Oliveira, in *o editor, o escritor e os seus leitores*, Fundação Calouste Gulbenkian, 2012. |

1. A música de Caetano Veloso, «É proibido proibir» surgiu, num contexto ditatorial, como
2. uma reivindicação clara e antológica.
3. um meio direto e explícito de contestação.
4. **uma forma de contestação singular e enigmática.**
5. uma forma de contestação meticulosa e enigmática.
6. As palavras declamadas do poema «D. Sebastião»
7. provocaram espanto e curiosidade no autor.
8. **despontaram no autor a certeza de um futuro melhor.**
9. instalaram no autor uma possível esperança de um futuro melhor.
10. contribuíram para o estranhamento e a indefinição.
11. Para o autor do texto, Fernando Pessoa traduz, através da linguagem,
12. **a busca eterna do Homem da sua verdadeira essência interior.**
13. os mundos descobertos pelos descobrimentos portugueses.
14. a exaltação épica dos descobrimentos portugueses.
15. a vontade humana de navegar e descobrir novos mundos físicos.
16. No contexto em que ocorre, o vocábulo «doída» (l.15) remete para a ideia de
17. ofensa.
18. queixa.
19. **mágoa.**
20. ressentimento.
21. Na expressão «como molduras sobre telas» (l.22) o autor recorre a uma
22. metáfora.
23. perífrase.
24. hipérbole.
25. **comparação.**
26. No excerto «Corri atrás dessas palavras e vim a saber, estarrecido, que eram de um poeta português, de que eu mal ouvira falar.» (ll.7-8), as palavras sublinhadas são
27. um pronome e uma conjunção, respetivamente.
28. **uma conjunção e um pronome, respetivamente.**
29. pronomes em ambos os contextos.
30. conjunções em ambos os contextos.
31. A oração «onde reina o mais legítimo de nós.» (ll.16-17) é uma oração subordinada
32. substantiva relativa.
33. substantiva completiva.
34. adjetiva relativa explicativa.
35. **adjetiva relativa restritiva.**
36. Refira a função sintática desempenhada pela oração subordinada presente em «O meu “caso" com o poeta começou no final dos anos sessenta, quando ouvi pela primeira vez a música de Caetano Veloso […]» (ll.2-3).

**Modificador**

1. Refira a função sintática desempenhada pelo constituinte “…pelo delírio épico da *Mensagem*.” (l.12)

**Complemento agente da passiva**

1. Identifique o antecedente do pronome «ele» presente na expressão «[…] integraram-me a ele.» (l.23).

**Fernando Pessoa; o poeta**

**GRUPO III – 40 pontos**

Atente no seguinte excerto:

 “Sigo o curso dos meus sonhos, fazendo das imagens degraus para outras imagens; desdobrando, como um leque, as metáforas casuais em grandes quadros de visão interna; desato de mim a vida, e ponho-a de banda como um traje que aperta.”

Bernardo Soares, *Livro do Desassossego*

Fazendo apelo à sua experiência de leitura, explicite o modo como em Bernardo Soares se processa a perceção e transfiguração poética do real.

Escreva um texto de **100** a **200** palavras.

 Para Bernardo Soares o sonho é o motor que cria a única realidade que lhe interessa, o mundo falso da sua imaginação. Este “mundo falso”, contudo, inspira-se na realidade e é povoado por cenários e figuras semelhantes às que ele observa na realidade. Através de um processo de transfiguração estes elementos ganham uma dimensão mais real e significativa do que aqueles que lhe serviram de inspiração.

 Percecionando a realidade através da visão, as imagens que capta são a base para a criação de novas imagens, «as metáforas casuais», que desdobra, criando um vasto mundo imaginário («grandes quadros de visão interna»). O ato de ver é o ponto de partida para a transposição do real, só possível, segundo Soares, através da prosa que lhe permite interiorizar tudo sem

 O investimento afectivo nessa realidade ficcional, que o separa do real, permite-lhe atenuar o seu sofrimento, e ao mesmo tempo, serve-lhe de matéria “ real” a partir da qual ele recria e reorganiza o seu universo pessoal.

1. Antológica: que merece ser registada. [↑](#footnote-ref-1)
2. Casuísticas: minuciosas. [↑](#footnote-ref-2)
3. D. Sebastião: poema do livro Mensagem recitado por Caetano Veloso no meio de «É proibido proibir», canção decisiva da história da música brasileira de protesto contra o regime militar então vigente. [↑](#footnote-ref-3)